

Fachadas pintadas, janelas quebradas: Sonhos olímpicos nas ruas do Rio de Janeiro

Raphael Soifer, Dr.

Professor Substituto em Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense – Rio das Ostras.

Contato: raphael.soifer@gmail.com

RESUMO

“Fachadas pintadas, janelas quebradas” é um trecho de minha tese de doutorado em Planejamento Urbano, defendida no IPPUR/UFRJ em setembro de 2017. O trabalho utiliza vocabulários de performance, planejamento e antropologia urbana para apresentar diferentes manifestações de arte urbana no Rio de Janeiro, criando assim uma “metodologia-sonho” para examinar experiências compartilhadas nas ruas da cidade e visões inspiradas por essas experiências. Também investiga os corpos ausentes que assombram as paisagens urbanas, especialmente aqueles corpos ausentados por violência física ou econômica (como brutalidade policial, por um lado, ou gentrificação, por outro). Assim, fantasmas urbanos e as “contramemórias” que esses carregam assombram a pesquisa desde o início, tanto em examinar os efeitos imediatos e interpessoais de grandes mudanças urbanas quanto em refletir sobre a relação entre a memória coletiva e a identidade individual. O trabalho visa aproximar, através de justaposições textuais e temáticas, diversas experiências de heteroglossia produzidas nos encontros de corpos e vozes distintos pelas ruas da cidade. Assim, ao invés de seguir rigorosamente as normas acadêmicas vigentes, o artigo se coloca enquanto texto performático, utilizando narrativas pessoais, grafites e propaganda de outdoors para investigar relações entre memória, território e corporeidade.

Palavras-chave: Estética urbana. Megaeventos. Contramemória. Gentrificação. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

“Painted Façades, Broken Windows” is an excerpt from my 2017 doctoral thesis in Urban and Regional Planning at the Federal University of Rio de Janeiro. The text utilizes vocabularies of performance studies, urban planning, and urban anthropology to present different manifestations of urban art in Rio de Janeiro, creating a “dream methodology” to examine shared experiences of and visions for city streets. Additionally, the work investigates the absent bodies that haunt cityscapes, especially bodies that have been rendered absent by physical or economic violence (such as police brutality, on the one hand, and gentrification, on the other). As such, urban ghosts and the “counter-memories” they carry haunt the research from its beginning, both in examining the interpersonal, street-level effects of major urban changes and in prompting reflections on the relationship between collective memory and individual identity. In the work, I seek to approximate the heteroglossic experiences of bodies meeting in the city through textual and thematic juxtapositions. As such, I have departed from standard academic writing and approached the work as a performance text, utilizing protest chants, popular songs, and personal narratives – as well as citations from theoretical essays and newspaper articles – in order to investigate relations between memory, territory, and corporeality.

Key-Words: Urban aesthetics. Mega-events. Counter-memory. Gentrification. Rio de Janeiro.

1.
22 de agosto de 2016
Boulevard Olímpico, Zona Portuária, Rio de Janeiro

Ando pelo Boulevard Olímpico com o fantasma de Francisco Pereira Passos, o auto-declarado “Hausmann tropical” prefeito do Rio de Janeiro de 1902 a 1906 que expulsou dezenas de milhares de pessoas dos seus lares para tentar fazer a cidade ficar um pouco mais parecida com Paris.

É uma segunda-feira chuvosa e fria em que um feriado público foi declarado para marcar o fim dos Jogos Olímpicos, para amenizar a primeira fase da sua lenta decomposição e para facilitar a saída em massa de atletas, técnicos, burocratas e turistas.

Metodologia-fantasma olímpica:

Para realizar pesquisas do lado de um fantasma, e se adentrar num sonho olímpico que você não queria compartilhar, basta uma combinação de um conhecimento histórico básico

(por mais incompleta que esse possa ser)

uma imaginação minimamente ativa

(algo que, de fato, se torna mais difícil de se exercitar durante os mega-eventos que se esforçam para providenciar experiências que, sendo devidamente compradas através de vieses oficiais, e devidamente consumidas, possam substituir qualquer imaginação individual ou coletiva)

um distanciamento um tanto brechtiano e uma paciência resignada

Aqui no Boulevard Olímpico, eu e o Sr. Pereira Passos

(seria difícil chamá-lo de Francisco, e impossível pensar nele como realmente sendo um Chico)

nos colocamos como observadores e não-participantes, uma identificação que a invisibilidade do prefeito-fantasma talvez reforça. Mas é uma a distinção que não pesa tanto ao longo desta grande passeio pseudo-público em que participar seria observar, já que a base do envolvimento de todos que passam pelo Boulevard seria de vadiar ou flunar por entre os muros pintados e as casas temáticas, pausando para posar em selfies e sentir a mega-escala disso tudo.

O “Boulevard” se trata de um trecho modelo de 3,2 quilômetros

[O] maior live site da história dos Jogos Olímpicos... (PREFEITURA DO RIO 2016)

(que junta a Zona Portuária à Praça XV, frente as celebradas “superbacterias” da Baía de Guanabara. É zelosamente segurado por uma conjuntura da Guarda Municipal, Polícia Militar, Força Nacional, Polícia da Marinha e Polícia do Exército, além de soldadxs do mesmo Exército, todos fortemente armadxs com fuzis semi-automáticos)

...com mais de 100 shows, atrações culturais e esportivas (ibid)

como, por exemplo, um Bungee Jump patrocinado pela Nissan, um Balão Panorâmico patrocinado pela Skol, um maquete da cidade do Rio de Janeiro patrocinado pela Lego e

um espaço voltado totalmente para os jovens (ibid)

patrocinado, é claro, pela Coca-Cola.

Do lado do fantasma do prefeito morto, ando por esse live site

(sem itálico no uso oficial)

tentando entender o que, exatamente, seria um live site, já que a designação parece ter sido utilizada, no

máximo, uma única vez antes, nos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres.

Pelo visto, um live site se trata de um tipo de fusão entre uma rua fechada e um shopping aberto; um espaço teoricamente público que tem sido altamente patrocinado e regulamentado para poder se tornar altamente lucrativo, pelo menos hipoteticamente.

(Isto é, se não for lucrativo por si só, pelo menos seria capaz de gerar ou inspirar futuros lucros).

Esse live site seria, assim, uma concretização do Sonho de uma Cidade Olímpica.

O ex-prefeito, é claro, entende algo desta concretização.

Suprimindo gargalhadas, ele abre um jornal-fantasma da sua época:

...a todos nós, ainda nos parecem um sonho essa construção de porto e essa radiante promessa de longas avenidas e de amplíssimos caes, saneando

e aformoseando a cidade. Mas não é sonho. Já a nossa geração pode

agradecer aos céos a alta graça que lhe foi concedida, de ser por ella iniciada

a regeneração do Brasil. (O Malho, "Renascimento", 13/6/1903, em DEL BRENNA, p. 68)

O sorriso quase eufórico que eu visualizo no rosto imaginado do prefeito-fantasma enquanto ele lê se mistura com as dezenas de sorrisos dos retratos que cobrem boa parte das fachadas dos três prédios no meio do Boulevard. A única figura que não consegue se juntar aos sorrisos é o feitio de um menino em um prédio azul, que se encosta, desleixado, por entre esses retratos.

O menino está rodeado por dezenas de janelas quebradas. Vidro pontiagudo o cerca por todos os lados: em cima da sua cabeça, aos seus pés, atrás das suas costas, na altura dos seus olhos contemplativos e entristecidos. Mas esses cacos cortantes são quase

escondidos pelos rostos sorridentes e pelos muros multicoloridos que também cercam o menino.



Fonte: Imagem cedida pelo autor

As janelas quebradas e os retratos felizes também cobram os dois prédios beges do lado do prédio azul. Mas vale dizer que é só no prédio azul, na altura dos olhos do menino, que uma faixa feita de plástico amarelo, pendurada de uma maneira meio torta por entre vidraças fragmentadas, adverte que o prédio está disponível para ser alugado. E vale dizer também que foi deste prédio azul que dezenas de famílias que fizeram parte de uma ocupação conhecida como Casarão Azul foram expulsas em 2009, por não caberem dentro dos planos ditos maravilhosos do Sonho de uma Cidade Olímpica que viriam a ser aplicados à esta Zona Portuária.

...lamentavelmente, está aqui intacta, a ocupação está intacta, não foi mexida uma palha sequer, continua da mesma forma que fizeram que os moradores saíssem numa pressão muito grande, continua aqui intacta. E um desses moradores, hoje em dia, mora num espaço que poderia ser considerado um cortiço, de apenas três por três, um quarto de três por três onde moram ele, a esposa e os seis filhos. Então, é lamentável, né, estão esperando para valorizar mais ainda pela questão de especulação imobiliária, e as pessoas morando em situações completamente precarizadas.

(SANTOS in CONTAGEM REGRESSIVA, 8:17)

O despejo da Casarão Azul produziu um vazio que nenhuma autoridade pública se apressava a preencher, já que, na lógica especulativa do Sonho

da Cidade Olímpica, enfeitar a fachada de um prédio pode virar muito mais lucrativo que habitar sua parte interior. Dentro deste Sonho, o potencial projetado e imaginado da Cidade Olímpica vale muito mais de que a experiência fisicamente produzida e vivida por quem ali morava.

Parece contraditório, mas no caso da Casarão Azul, e da maioria dos prédios ao longo do Boulevard Olímpico, é justamente a fachada do prédio — no caso da antiga ocupação, a única “palha mexida” nos últimos sete anos — que, através do feitio do menino não-sorridente, apresenta qualquer pista possível sobre o seu passado.

Um bairro estável de famílias que cuidam das suas casas, ficam de olho nas crianças dos outros e confidentemente desaprovam de intrusos não-desejados pode se tornar, dentro de alguns anos ou até alguns meses, numa selva inóspita e assustadora. Uma propriedade é abandonada, ervas daninhas crescem, uma janela é quebrada. (WILSON e KELLING, p. 3)

Hoje em dia, qualquer Cidade que Sonha em Ser Olímpica sonha, necessariamente, em seguir o exemplo de Rudolph Giuliani, ex-prefeito de Nova York

e atual advogado pessoal de Donald Trump

e aplicar o famoso modelo de “tolerância zero,” baseado na Teoria das Janelas Quebradas, que supostamente ressuscitou Nova York nos anos 1990, salvando a cidade da decadência. Qualquer Cidade que Sonha em Ser Olímpica sonha em se giulianificar. O Sonho Olímpico se esforça para refazer a cidade não através de um combate à pobreza, mas através de um esmagamento da população pobre.

Aqui, no Rio de Janeiro olímpicamente giulianificada, a repressão de pequenos delitos e a expulsão das pessoas tidas como culpadas para tais visa tornar a cidade em algo parecido com o tão sonhado Primeiro Mundo. Mas o processo giulianificador atrás do Sonho da Cidade Olímpica exerce um poder de inversão sobre os valores que, em outras circunstâncias e contextos, ele reivindica como sendo seus próprios.

Dentro do Sonho da Cidade Olímpica tão claramente fisicalizado no Boulevard, tanto o prédio vazio do ex-Casarão Azul, quanto a placa amarela que anuncia a possibilidade de alugá-lo e até as próprias janelas quebradas acabam sinalizando um certo PROGRESSO.

Aqui, a própria ausência das famílias que cuidam dos seus lares é o que está tornando o bairro supostamente estável. A presença dessas famílias seria mais de que uma inconveniência: seria o suficiente para torná-lo numa selva inóspita.

Aqui e agora, o problema com as janelas quebradas não seria os vidros pontiagudos em si, mas as pessoas que esses vidros poderiam representar, instigar e inspirar: as pessoas-caco cujos corpos carregam memórias de todo um processo esmagador da instauração de poder:

Traços atribuídos às pessoas-caco:

*Corpos com pele escura;
corpos com formas de falar ditas menos inteligíveis
que a norma culta;
corpos com renda baixa;
enfim, todos os tipos de corpos que tradicionalmente
habitam a Zona Portuária.*

Mas, depois que esses corpos, essas pessoas-caco, sejam tirados, as janelas em si podem permanecer quebradas.

O grafite pode se espalhar como sinal de conquista, de toda a grandeza dos Jogos, de um espírito que se diz cada vez mais internacional.

Existe um continuum de desordem. Obviamente, o assassinato e o grafite são dois crimes vastamente diferentes. Mas fazem parte do mesmo continuum, e um clima que tolera um é mais capaz de tolerar o outro. (GIULIANI 1998)

Esse continuum se destaca quando o grafite se trata de uma manobra executada por alguma pessoa-caco. Mas o continuum das fachadas dos prédios majoritariamente vazios de uma Cidade que Sonha em Ser Olímpica é totalmente outro.

Na Gamboa está o maior grafite do mundo. O painel, de 2500 m², é assinado pelo muralista Eduardo Kobra, que tem trabalhos espalhados por mais de 20 países. A arte se chama “Etnias” e foi inspirada nos aros olímpicos que representam os 5 continentes.
(REVISTA EVENTOS)

Para reverter o continuum de desordem, uma Cidade que Sonha em Ser Olímpica teria, antes de mais nada, que sumir com os tipos de corpos que poderiam cometer qualquer ação indesejável —

*seja quebrando janelas,
grafitando
ou, seguindo a lógica de Giuliani,
assassinando —*

e que, antes de mais nada, poderiam remeter a selva inóspita tão assustadora para os Corpos Tidos como Suficientemente Olímpicos.

Traços atribuídas aos Corpos Tidos como Suficientemente Olímpicos:

Corpos que tem pele suficientemente clara

*com exceções para atletas mega-especializadx;
turistas de lugares suficientemente distantes
(São Paulo, nesse caso, já seria aceitável);
figuras suficientemente exóticas para serem pintadas
nas fachadas,
como os rostos ditos “étnicos” do grafite de Eduardo
Kobra;
ou vendedorxs de cerveja;*

renda o suficiente para andar pelo Boulevard;

e, o que parece mais importante, nenhum plano de permanecer por aqui,

a não ser que seja através de investimentos suficientemente Olímpicos.

São corpos que não tendem a ser relegados às notas de rodapé.

São corpos basicamente parecidos com o meu.

Aqui, no Sonho da Cidade Olímpica, a desordem se resolve principalmente pela ausência forçada.

Aqui, nem se preza pelo reparo de janelas quebradas; já basta embotá-las.

Aqui, o abandono se resolve com uma simples aplicação de rostos alheios em duas dimensões, sejam esses feitos de tinta ou de papel.

Começo a entender o Sonho Giulianificador de uma Cidade Olímpica como um projeto que, principalmente, cuida muito bem de fachadas.

2.

Durante todo esse mês de agosto de 2016, uma campanha de Google Tradutor se espalha ubiquamente pela cidade, naquelas placas iluminadas aparentemente chamadas de Out of House que fazem parte dos pontos de ônibus mais desenvolvidos,

*(e naquelas outras placas iluminadas que só parecem
fazer parte dos pontos*

*de ônibus, mas que brotam da calçada só para fazer
propaganda).*

Em idiomas do mundo inteiro, essas placas dão dicas e indicações de uma dita cultura carioca generalizada

To say hi to 5 people, you need 10 kisses.

Para dizer oi a cinco pessoas, você precisa de 10 beijos.

“Parada” signifie beaucoup de choses.

“Parada” significa muitas coisas.

فطلل دلوي فطلل

Gentileza gera gentileza

Beleza can mean yes, cool, deal, and OK.

Beleza pode significar sim, legal, fechado e tudo bem.

Aqui, no meio do Boulevard, no cerne do Sonho, essas carioquices traduzidas brincam de ser, ao mesmo tempo, mais especificamente locais e mais historicamente significativas.

В Порто Маравilha, улицы наш музей No Porto Maravilha, as ruas são nosso museu.

Na Cidade que Sonha em Ser Olímpica, a memória em si, como a própria cidade, acaba se tornando em mais um produto que, mesmo sendo intangível, possui uma embalagem cuidadosamente definida e mantida. A memória é outra marca especulativamente lucrativa, uma marca que se estabelece e se propaga justamente pela ausência das pessoas-caco cujos corpos já estavam marcados. Ao longo do Boulevard, essas pessoas-caco foram expulsas; em outras partes da cidade, desde Providência à Maré, sua ausência veio, muitas vezes, através de um apagamento letal.



Fonte: Imagem cedida pelo autor

17 de dezembro de 2012 Rua Riachuelo 46, Lapa, Rio de Janeiro

Foi de noite quando passei por várias pessoas pintando a fachada do prédio na Rua Riachuelo 46, onde até setembro de 2010 existia a antiga ocupação Carlos Marighella. Sobre as paredes cinzentas do prédio oco, já lacradas com tijolo e cimento para evitar uma nova “invasão”, penduraram “Olhos de deus” gigantes e pintaram, repetidas vezes e em letras enormes, uma única frase:

LIBERTE SEUS SONHOS

LIBERTE SEUS SONHOS

LIBERTE SEUS SONHOS

Por baixo dessas palavras, em letras um pouco menores, uma outra frase se repetiu dezenas de vezes, com uma linha deixada vazia para que quem passasse por lá pudesse preencher a sua própria resposta.

Meu sonho é _____.

Meu sonho é _____.

Meu sonho é _____.

Meu sonho é _____.

Meu sonho é _____.

Meu sonho é _____.

Meu sonho é _____.

Cinco anos antes da inauguração do Boulevard, o grafite outrora tão ameaçador já mostrava a sua plena utilidade na Cidade que Sonha em ser Olímpica; na fachada da antiga ocupação Carlos Marighella, apelava por palavras para preencher frases que ficariam incompletas sem a intervenção de quem viesse de fora; palavras para preencher esses espaços deixados em branco.

De fato, a expulsão dxs moradorxs de Carlos Marighella, ou de qualquer outra ocupação do centro do Rio de Janeiro, tende a deixar o espaço esvaziado mais branco; isto é, menos negro, com menos corpos de pele escura e – apesar de qualquer intervenção feita à tinta – menos colorido.

Uma vez que as pessoas-caco estejam retiradas à força, esses espaços só poderão ser preenchidos pelos sonhos de quem passa ali sem a intenção de ficar.

A cidade-marca se inverte no sonho facilmente vendido, empacotado e

facilmente esquecido; se torna um sonho coletivo de deixar as nossas marcas pela cidade. Assim, os sonhos de quem nunca nem sequer entrou no prédio da antiga ocupação Carlos Marighella se carimbam por sua fachada, atestando ao apagamento decisivo daquele passado.

Como no caso da Casarão Azul, o prédio em que existia a ocupação Carlos Marighella também está vazia desde o desalojo forçado das mais ou menos 40 famílias que a habitavam.



Fonte: Imagem cedida pelo autor

3. 21 de agosto de 2016 Boulevard Olímpico, Zona Portuária, Rio de Janeiro

Perambulo sozinho pelo Boulevard na última noite dos Jogos.

O fantasma de Francisco Pereira Passos pode até estar presente; provavelmente está, mas não sou eu que o invoco nesse exato momento.

Por todo lado, esse Rio de Janeiro que Sonha em Ser Olímpico se enfeita, se marca para mostrar como teria virado um destino mundial por excelência, para comprovar seu caráter altamente internacional.

O jogo de se juntar às marcas de ser marcadx por marcas

ou, mais dificilmente, de deixar sua própria marca sobre essas marcas continua a todo vapor.

Nesse jogo, é claro, a cidade em si seria a marca principal.

Além da escala esforçadamente mega das atividades patrocinadas pelas maiores marcas do planeta, há outros esforços que se dizem tão internacionais quanto, mesmo operando em escalas bem menores

(mas ainda autorizadas):

ao longo do Boulevard, food trucks vendem comidas ditas típicas de lugares ditos exóticos

(por serem colocados assim, em inglês, os food trucks negam, implicitamente, qualquer semelhança com o tradicional podrex, mesmo quando brincam de apropriá-lo):

desde os tacos do México às batatas fritas da Bélgica ao sorvete dos Estados Unidos e a uma pizza que se esforça a se proclamar italiana.

Nota de rodapé anti-metodológica

No outro lado do Boulevard, um food truck posto na Praça XV se descreve simplesmente como Subúrbio; Em meu zelo por me estabelecer como sendo um observador que mostra seu engajamento por não participar ativamente com os ditos destaques do Boulevard, não gasto nenhum dinheiro nessas perambulações. Sendo assim, não provo a comida de nenhum desses food trucks. Nem chego a averiguar qual seria o cardápio de um food truck suburbano-chique. Além do meu vegetarianismo, isso se deve a um cansaço e a uma revolta que nunca se diriam metodológicxs mas que, sem dúvida, são componentes cruciais da minha pesquisa.

Dentro desse esforço para se marcar, desse marketing em que a cidade abrange o mundo inteiro, o lado avesso

mas igualmente importante

seria mostrar o mundo inteiro sendo marcado pela Cidade que Sonha em Ser Olímpica.

Em outra jogada clássica de sinédoque, tanto vale marcar a parte pelo todo ou o todo pela parte. Assim, não é só que o Rio de Janeiro seria o mundo inteiro; o mundo inteiro também estaria se tornando no Rio de Janeiro.

Esse sentimento se proclama em gritos fluorescentes a uns poucos metros da antiga Casarão Azul, onde um quiosque literalmente eletrificado e iluminado do jornal O Globo promete colocar

VOCÊ NA CAPA.

sob a manchete

O mundo todo é carioca.

O mundo todo é carioca.

O mundo todo é carioca.

Ser carioca, nesse caso, se junta a identidade ao consumo. Pertencer à Cidade que Sonha em Ser Olímpica exige um *buy-in*, uma vontade de consumir que teria menos a ver com comprar produtos específicos e mais com aceitar o especulativismo que se ostenta ao longo do Boulevard: aceitar a possibilidade de tudo isso render, e render muito; aceitar uma *passabilidade* carregada por corpos individuais e, além do mais, aceitar um poder de esquecimento ou de uma falta de curiosidade sobre as pessoas-caco,

cariocas, na sua grande maioria,

que teriam sido escondidas ou apagadas para que o Sonho pudesse seguir.

Ressaltando aqui que a minha branquitude gringa e/ou gringuce branca faz com que eu possa me colocar muito facilmente dentro do Sonho sem nenhuma

tentativa por parte de nenhuma autoridade de me tirar. Ou seja: faça parte deste “todo mundo” que está liberado a consumir a carioquice.

É claro que o espaço físico deste pertencimento-sonho carioca não abrange a cidade inteira. Ele não se restringe completamente ao Boulevard da Zona Portuária, nem aos demais espaços oficializados para os Jogos e pelos Jogos,



Fonte: Imagem cedida pelo autor

mas se dissipa facilmente com simples deslocamentos, como a minha deriva perdida à procura da Vila Autódromo.

Por aqui, nem precisa andar tanto: a alguns poucos metros para fora do Boulevard e para dentro deste Porto dito Maravilha, boa parte das ruas, se não a maioria, se encontram impassíveis, cheias de entulho, de lixo, de canos quebrados boiando por entre poços de água e esgoto.

Mesmo que o entulho e o esgoto não acabem de vez com o Sonho, eles reforçam como são capengas as fachadas que formam uma espécie de fronteira entre, por um lado, a Cidade Que Sonha em ser Olímpica, e, por outro, o Rio de Janeiro que esse Sonho se esforça tanto para tapar, expulsar ou apagar. Por trás do Boulevard, ou mesmo dentro do Boulevard — alias, por toda a cidade — ainda dá para sentir uma poeira

assombradora. E nem é preciso saber nomear essa poeira para senti-la

Quanto menos você fala com os cariocas, como são conhecidos os nativos do Rio, mais você desfrutará deste lugar.¹ (SEGAL, New York Times, 10 de agosto de 2016)

O conselho do New York Times é tão preciso quanto esdrúxulo. Porque, de fato, a Cidade que Sonha em Ser Olímpica também sonha em apagar qualquer traço que poderia abafar as suas ambições.

Notas de fim:

1. No original, “The less you speak to Cariocas, as natives of Rio are known, the more you will enjoy this place”.

Referências Bibliográficas

DEL BRENNNA, Giovanna Rosso, org. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: A cidade em questão II*. Rio de Janeiro: Index, 1985

GIULIANI, Rudolph. “*The Next Phase of Quality of Life: Creating a More Civil City*”. Discurso. 24 de fevereiro de 1998. <http://home.nyc.gov/html/records/rwg/html/98a/quality.html>. Acesso em: 25 de abril de 2019

REVISTA EVENTOS. “*Oito países mantêm casas de hospitalidade na Paralimpiada*”. 6 de setembro de 2016. <http://www.revistaeventos.com.br/RIO-2016/Oito-paises-mantem-casas-de-hospitalidade-na-Paralimpiada/39719>. Acesso em: 25 de abril de 2019

SANTOS, Jorge. *Entrevista. In Contagem Regressiva: Remoções*. (documentário) Dirigido por Luiz Carlos de Alencar. 2016. <https://www.youtube.com/watch?v=D2I-dgKhkxh0>. Acesso em: 25 de abril de 2019

SEGAL, David. “*Many Soldiers, Few Signs, Long Lines: The Rio Games Beyond the TV Screen*”. In New York Times, 10 de agosto de 2016. <https://www.nytimes.com/2016/08/11/sports/olympics/rio-games-2016-beyond-the-tv-screen.html>. Acesso em: 25 de abril de 2019

WILSON, James Q. e KELLING, George L. “*Broken Windows: The Police and Neighborhood Safety*.” In Atlantic Monthly, março de 1982. <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/4465/>. Acesso em: 25 de abril de 2019